

Etnografia e deriva: possibilidades na pesquisa

*Etnography and adrift:
options in research*

**Alexandre Espósito,
José Sterza Justo**

Resumo

O presente artigo se propõe a examinar e discutir a articulação da técnica da deriva com o método etnográfico e suas possibilidades e alcance na investigação científica direcionada para as questões da mobilidade urbana, tais como aquelas que envolvem as chamadas “pessoas em situação de rua” e “trecheiros”. Para tanto, será feita uma explanação geral da etnografia, enquanto método, e da deriva, enquanto técnica, expondo seus respectivos conceitos básicos, princípios norteadores, recursos possíveis e procedimentos para a pesquisa. Posteriormente será feita uma discussão, levando em consideração experiências de pesquisa no cenário urbano, sobre as possibilidades e alcance da etnografia aliada à deriva na investigação científica.

Palavras-chave

Etnografia, Pesquisa, Metodologia.

Abstract

This study aims to examine and discuss association between adrift technique and ethnographic method and its options and reach at scientific investigation turned to issues on urban mobility, such as those involving "homeless people" and "wanderers". In order to that, a general explanation on ethnography as a method shall be provided, and on adrift as a technique, by explaining its respective basic concepts with focus on experiences of research at an urban scenario, about options and reach of ethnography along with adrift at scientific investigation.

Keywords

Etnography, Research, Methods.

Alexandre Espósito
UNESP – FCL/ASSIS

Psicólogo. Mestrando em Psicologia
– Unesp-FCL/Assis.

José Sterza Justo
UNESP – FCL/ASSIS

Doutor em Psicologia Social e
Livre-docente em Psicologia do
Desenvolvimento. Docente do
Programa de Pós-graduação em
Psicologia da Faculdade de Ciências
e Letras. Unesp-FCL/Assis.

Introdução

Inicialmente, cabe ponderar que a empreita de conectar a Etnografia com a Deriva é bastante complexa por se tratar de dois referenciais com origens e trajetórias bem distintas no campo da ciência. Complexidade essa que torna a tarefa ainda mais desafiadora para pesquisadores de outra área - como é o nosso caso - que não a da antropologia e da psicogeografia ou do movimento situacionista de onde surgiram e se desenvolveram, respectivamente, a Etnografia e a Deriva. Portanto, estamos tateando um assunto que surgiu da nossa prática em pesquisa com “trecheiros” urbanos¹ e demanda discussões mais amplas e aprofundadas.

A etnografia se consagrou na antropologia europeia com estudos de povos distantes e desconhecidos, sobretudo, da África e das Américas. Segundo Malinowski (1976, p.37-38), “em breves palavras esse objetivo [o da etnografia] é o de apreender o ponto de vista dos nativos, seus relacionamentos com a vida, sua visão de seu mundo”. Excursões a terras distantes, a convivência prolongada com povos e culturas bem distintas e contrastantes com a cultura europeia, registros e descrições meticolosos faziam parte do método e dos instrumentos utilizados pelos etnólogos em suas pesquisas de campo. Recentemente a etnografia incorporou outras territorialidades e assuntos tais como questões acerca da migração de povos ou questões relacionadas a espaços e manifestações culturais urbanas, sem abandonar inteiramente sua postura metodológica e ferramentas tradicionais. Contudo, a etnografia ainda focaliza sujeitos e objetos em pontos fixos ou pouco dinâmicos, redirecionando sutilmente seu foco, conforme o acompanhamento do fenômeno investigado. Ainda se mantém, como limite e foco das etnografias, territórios bem constituídos e delimitados tais como cidades, aldeias, ruas, estabelecimentos institucionais, dentre outros.

De qualquer maneira, em nossas pesquisas com pessoas em situação de rua e “trecheiros” – uma população praticamente desterritorializada – nos orientamos, inicialmente, pela etnografia por nos parecer a que mais correspondia às exigências e à realidade do nosso campo de pesquisa.

No entanto, mesmo tomando a etnografia como referência metodológica, passamos a reconhecer a limitação dos seus recursos quando tentamos compreender dinamismos urbanos, como por exemplo, a cultura criada na mobilidade, no trânsito, no andar pelas ruas da cidade ou na exploração de seus nichos e recantos. A etnografia também mostra limitações, mesmo que pequenas, quando pretendemos estudar dinamismos de vida acentuados tais como se apresentam na errância de andarilhos, “trecheiros” ou mesmo em migrantes sem rumo ou sem algum ponto para se fixar ou lugar que possa habitar. Estudar a relação de “trecheiros” e demais itinerantes com os ambientes pelos quais passam, torna-se um trabalho difícil por não se tratar de ambientes fixos ou territorialidades expostas e demarcadas, como acontece de praxe na etnografia. Muitas das pessoas que precisamos encontrar ou acompanhar em nossas etnografias encontram-se em trânsito, por isso temos também que nos deslocarmos para manter algum contato com elas.

Foi justamente para podermos rastrear e acompanhar as caminhadas e deslocamentos dos “trecheiros” de uma cidade a outra e nos próprios espaços urbanos que acabamos por incorporar a técnica da deriva, proposta por Debord (1958), à etnografia que vínhamos praticando.

Como ensejar uma interseção entre a deriva e a etnografia? A primeira estaria na ordem do acaso, enquanto a segunda se encontra na ordem da sistematização de visitas ao campo e de registros. Entretanto, apesar das diferenças não são excludentes. Enquanto a etnografia permite focalizar pessoas em interação e suas produções culturais, localizadas num determinado território, a deriva permite rastrear deslizamentos, acontecimentos repentinos e desfocados, os detalhes, as invisibilidades dos arredores de um cenário principal, tal como o psicanalista tenta fazer com as aparições, de assalto, do

1

“Trecheiros” urbanos são pessoas que circulam de cidade em cidade, se deslocando com passes de viagem de ônibus concedidos pelos serviços de assistência dos municípios ou, eventualmente, se deslocando a pé pelos acostamentos das rodovias. Vivem de pequenos bicos, achaques e da ajuda da população, de entidades filantrópicas e serviços públicos de assistência social.

inconsciente. Assim sendo, podemos pensar a etnografia e a deriva como complementares e não necessariamente como opostos, na medida em que, num mesmo campo, cada uma consegue captar o que escapa à outra.

Pretendemos com esse artigo, calcado em nossa experiência de pesquisa com “trecheiros”, realizar uma breve explanação sobre a etnografia e sobre a deriva e, a partir disso, discutir as possibilidades de articulação de ambas nas pesquisas com errantes, nômades e outros sujeitos que se caracterizam pela mobilidade geográfica e psicossocial.

A etnografia e o fazer etnográfico

Etnografia é um método de pesquisa utilizado para se compreender as manifestações culturais. Ao contrário de métodos pautados em teorias que tomam as manifestações de comportamentos humanos como algo estrutural ou inato/aprendido, na etnografia eles são explicados e interpretados por meio de fundamentos culturais e sociais. Bezerra (2010) relata que a etnografia produz conhecimento pelo contato intersubjetivo entre o cientista social e a cultura e costumes de certo grupo. Para tal realização, o etnógrafo utiliza técnicas na pesquisa de campo como a observação participante, a percepção da alteridade e práticas especiais entre sujeito e objeto. A mesma autora também nos alerta que a prática metodológica da etnografia é marcada por uma gama de imprevisibilidades, incidentes e descobertas que fazem com que os etnógrafos prezem a experiência de campo como crucial e ponto alto nesse tipo de pesquisa.

Por algum tempo, a pesquisa etnográfica se interessou por questões concretas sobre tribos e seus espaços. A presença característica da observação na obra de diversos teóricos dá o suporte necessário para investigações de aldeias e espaços urbanos. Assim, o trabalho do etnógrafo é marcado pela sua subjetividade, por uma escuta sensível ao que está sendo dito por outros, geralmente, situados num universo estranho ou pouco familiar ao pesquisador. Seu trabalho é da ordem da compreensão, o que o possibilita discutir as funções simbólicas, processos de subjetivação, linhas de poder, significações, construções histórico-sociais e culturais, além de outros aspectos do lugar com seus habitantes.

Dessa forma, a etnografia é utilizada como um método de pesquisa para se compreender não só cultura de determinado grupo, mas contempla também as questões culturais que estão enraizadas em certo espaço ou local (GEERTZ, 1978). Seu objeto de pesquisa é, portanto, a conjuntura cultural, os costumes, os modos de trabalho e estilos de contato e sobrevivência com o meio (BOAS, 2004). Isso significa que não necessariamente a etnografia pesquise um grupo, tribo ou outros conjuntos humanos. Ela está atenta à cultura formada e manifestada por eles.

Nesse sentido, há diversos tipos de pesquisa etnográfica, como por exemplo, a que se atentou a estudar a dinâmica de uma rua famosa (ECKERT; ROCHA, 2003), os sons produzidos pela cidade (VEDANA, 2009), a que aborda os conflitos socioambientais (LITTLE, 2006) e até mesmo as pesquisas com infovias digitais, chamadas cyber-etnografias (WARD, 1999). Nessas etnografias mais recentes não são apenas os focos que mudam em relação aos tradicionais, mas também o modo de os focalizar. Em vez de uma lente macroscópica se utiliza, preferencialmente, uma microscópica. Por buscar a compreensão dos fenômenos culturais situados nas localidades, sem a sobreposição de modelos explicativos gerais, ela sai do enfoque da grande narrativa e da imagem universal de homem para voltar-se às especificidades e singularidades da cultura humana, como podemos ver em Sato e Souza (2001)

[...]deslocando-se do eixo das macro análises para as relações cotidianas que compreendem não somente aspectos micro- sociais mas que, em sua face local, resgata aspectos da história particular e de sua relação com determinantes sociais e culturais que a cercam. (p. 30-31).

Desta maneira, ao resgatar os aspectos da história particular, ser etnógrafo, como diria Da Matta (1978), é conseguir tornar familiar o exótico das culturas diferentes da dele e ter um olhar sensível para o que é familiar capaz de enxergá-lo como exótico. Para chegar a esse estado, a etnografia passou por diferentes transformações ao longo do tempo: mudou seu foco, ampliou suas técnicas, assimilou novos objetos de pesquisa, aumentando, assim, sua gama de possibilidades

Percebemos que etnografia passou e ainda passa por diversas transformações e ramificações constantes. Alguns teóricos são mais pragmáticos quanto ao uso dela em certas situações, enquanto outros são mais abertos para anexar uma gama maior de estudos e de técnicas dentro do próprio método. Constatamos, por exemplo, que atualmente há discussões sobre critérios de aproximação e de distanciamento entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa, considerando-se que isso pode ser benéfico ou prejudicial à investigação científica. Há discordâncias entre teóricos que se pautam pelo distanciamento e outros que estão mergulhados nas culturas grupais para compreendê-las, inclusive, relatam o quanto é importante ficar atentos a suas impressões pessoais e outras questões sobre a subjetividade do pesquisador. Há, ainda, algumas discussões sobre o que é considerado ou não como técnica auxiliar e o que é válido como objeto de pesquisa dentro da etnografia. De modo geral, o que toda pesquisa etnográfica exige é uma boa síntese, um bom recorte do que será pesquisado e uma experiência de campo.

Apesar de a etnografia focalizar, prioritariamente, a questão cultural, ela não se restringe ao campo do antropólogo. Pode ser utilizada em pesquisas de outras disciplinas científicas, tais como a psicologia, a etnoeconomia, direito e demais campos que possam se beneficiar de aparatos metodológicos para a pesquisa. O que, de fato, não se deve ignorar é que o objetivo mais potente da etnografia é fortalecer o trabalho de restauração, desenvolvimento, visibilidade e proteção das culturas locais. Fazer uma etnografia é também relatar as singularidades das manifestações culturais e como elas resistem à cultura massificada e hegemônica produzida pela indústria cultural.

Da Matta (1978) explora em “como fazer um Anthropological Blues” as questões acerca do ofício do etnógrafo que extrapolam os manuais tradicionais. Menciona a imprevisibilidade que toma de assalto o trabalho de campo do etnógrafo e que exige dele habilidades, ainda que de forma amadora, além daquelas formais do domínio da profissão de pesquisador. Por exemplo, é comum o etnógrafo ser levado a exercer a função de mediador entre a população, a estabelecer contatos e vínculos com instituições locais ou ajudar a cozer, ajudar na limpeza, nos primeiros socorros, dentre outras situações. O etnógrafo assim sai da posição rígida de observador metódico para experienciar as questões humanas, mergulhado na cultura que pesquisa.

Ser um etnólogo, para o autor em tela, conforme o que foi dito, é aprender a “transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico”, no encontro/confronto com culturas totalmente distintas da sua, na realização de pesquisas longe de casa. Na familiarização do exótico ou no exotismo do familiar a separação sujeito-objeto, do positivismo, é impossível pois a subjetivação está no cerne do processo de estranhar o outro a partir do familiar ou, inversamente, de estranhar o familiar a partir de um olhar distanciado, posicionado no lugar do outro. Nesse processo surgem tanto sensações novas, interessantes, confortáveis, quanto aquelas mais viscerais e desagradáveis

que, muitas vezes, não estamos preparados para suportar. Imprevisibilidades, tragédias, tristezas, solidões, despedidas e outros momentos que nos enchem os olhos fazem parte do ofício da etnografia. Verdadeiramente, uma tristeza nostálgica como o sentir de um blues, assim como sugerido em Da Matta. Paradoxalmente, nossa atitude de pesquisador é regida pela racionalidade e até mesmo, para alguns, por uma postura neutra, porém, ainda assim, não estamos imunes à irrupção de nossos sentimentos.

Somos entusiastas, queremos ser o herói desbravador rumo ao desconhecido, estar em contato com questões novas de culturas diferentes ou mesmo ser o flâneur do caminhar cuidadoso e do olhar atento aos pontos que outros cidadãos desprezam, mas nunca estaremos tão preparados para o choque de realidade do que iremos encontrar. Contudo, o etnógrafo (ou etnólogo) tem seus momentos de sofrimento com esse contato intercultural, apesar da postura de pesquisador tentar, quase sempre, se pautar pelas prescrições metodológicas e pelo profissionalismo.

Por ser um tabu explicitar a personalidade e sentimentos próprios no meio acadêmico, torna-se importante discutir essas questões, sobretudo, na pesquisa de campo, quando se incursiona pela etnografia e se deflagra o encontro/ confronto com um outro completamente estranho e diferente daquilo que nos é familiar. Embora pouco explicitada e considerada é exatamente a capacidade de se afetar pelo campo e reagir a ele que fornece as condições para a realização de uma etnografia e para a utilização dos seus recursos técnicos.

A principal e indispensável técnica é a observação participante. Porém, como pondera Lima et al (2010), o etnógrafo pode usar diversas técnicas complementares tais como a entrevista, a narrativa, a história de vida, práticas interacionistas e a análise de documentos. Tamanha amplitude possibilita incluir a técnica da deriva como recurso complementar, conforme pudemos experimentar em nossas pesquisas com “trecheiros” urbanos.

A observação participante é tida como a principal técnica da etnografia. Com ela, o pesquisador não apenas observa as ações que ocorrem no campo que adentrou, mas está presente ativamente, interagindo nele e se tornando parte dele. Ela consiste em acompanhar e conversar com as pessoas do campo, entrevistá-las e, principalmente, registrar os fenômenos que ocorrem no momento, os acontecimentos do cotidiano naquele campo, além da descrição da paisagem e das estruturas institucionais. A partir do momento que o pesquisador está em campo, as fontes de informação são diversas e imprevisíveis. Trabalhamos, na pesquisa, de modo não estruturado, pois não é possível estabelecer previamente procedimentos rígidos e nem mesmo roteiros de observação ou de entrevista. Apesar disso, a observação participante, adquire sistematicidade na medida quem que vai sendo realizada e o pesquisador, passado o momento inicial da flanerie pelo campo, elege fontes percursos e procedimentos que se mostrem mais eficazes. A entrada no campo sem categorias de análise estabelecidas previamente é fundamental para uma observação participante menos focal ou dirigida, capaz de captar aspectos relevantes dos acontecimentos em curso que escapam a enquadramentos pré-estabelecidos. Contudo, é notável em diversos artigos que mesmo seus autores alertando sobre os prejuízos da utilização de categorias previamente estabelecidas acabam por demonstrar uma ânsia por estruturar categorias de análise e realizar direcionamentos focais antes de qualquer contato mínimo com o campo no qual se pretende incursionar.

A imersão no campo pode ocorrer de diferentes formas e em diferentes intensidades. O pesquisador pode estar em campo sem ter um papel atuante e manter certa distância do grupo, opção mais plausível para alguns etnógrafos tomados pelo temor de que um maior contato com o grupo possa dificultar suas análises. Em outros casos, é possível realizar uma observação participante onde o pesquisador seja conhecido pelo grupo ou comunidade

estudada e tenha um papel mais ativo. Nessa condição de maior proximidade e participação deve-se procurar manter certa distância, abstendo-se de liderar ou ser um protagonista de relevo no grupo.

Na observação participante não basta apenas colher informações com entrevistas ou conversas informais. O etnógrafo precisa acompanhar todos os processos que estão ocorrendo, para além daquilo que é expresso pela linguagem verbal.

A observação participante implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos. É preciso ponderar sobre o momento certo para perguntas e por vezes esperar mais do que o imaginado. As entrevistas formais são muitas vezes desnecessárias, devendo a coleta de informações não se restringir a isso. Com o tempo os dados podem vir ao pesquisador sem que ele faça qualquer esforço para obtê-los e isto pode ajudar significativamente na manutenção do relacionamento estabelecido (BEZERRA, 2010, p. 14).

A técnica ainda exige cuidados e atenção do etnógrafo. Tomando como exemplo a experiência de outros pesquisadores, compreendemos que o etnógrafo precisa estar sensivelmente atento ao modo como se aproxima das pessoas que estão no campo. Como notamos em Berreman (1980), o etnógrafo adentra o campo como um intruso desconhecido, pessoa inesperada e muitas vezes indesejada. As impressões que gera nas pessoas e a maneira como será representado são importantes para acesso às informações e o tipo de dados que serão obtidos. O primeiro contato pode, em alguns casos, fazer com que as pessoas do grupo reajam de forma um pouco diferente da rotineira diante do pesquisador, exigindo dele habilidades e o tempo necessário para obter confiança e ser aceito, sem maiores reservas preocupações.

Vemos que, ao contrário de uma entrevista convencional, o pesquisador não tem acesso aos fatos apenas por meio de uma comunicação verbal. Uma vez imerso no universo de uma cultura, o etnógrafo obtém e analisa as informações com todos seus sentidos e com o preparo cuidadoso para tal atividade. Para Lima et al (2010) e Bezerra (idem), na observação participante, o pesquisador usa seus cinco sentidos para perceber as atividades e as interações com o meio no qual está inserido. Para tanto, ele precisa fazer um registro objetivo em seu diário de campo das diferentes impressões e questões que passam a afetá-lo.

Na observação participante o registro de toda experiência de campo (impressões, percepções, observações, falas, diálogos, sons, imagens, acontecimentos e tantos outros emergentes situacionais) talvez seja a tarefa mais difícil. Em alguns casos gravador e câmera de fotografia ou de vídeo podem ser muito úteis, porém, na maior parte das vezes, são apenas algumas anotações, quando muito, que servirão de apoio para a elaboração de um relato exaustivo. Conforme indica Lima et al (2010):

Implica considerar que a preocupação maior da etnografia é obter uma descrição densa e holística do evento social, em outras palavras, uma descrição criteriosa e detalhada do comportamento dos sujeitos, considerando os olhares, os gestos, o tom da voz, as pausas, as interações, enfim, tudo que seja significante para a compreensão do mundo social que está sendo investigado. (p. 09).

A deriva enquanto método

A deriva é, basicamente, um caminhar sem rumo. Guy Debord (1958), idealizador da teoria da Deriva, a define como uma passagem rápida por diversos ambientes, utilizada para a exploração de paisagens e fenômenos psico-geográficos, mediante uma conduta lúdica-constructiva. Tal passagem

por espaços recônditos da urbe se diferencia de trajetos comezinhos realizados cotidianamente, estabelecidos por lógicas tradicionais, justamente porque permite um delírio (de-liros)² no caminhar pelas vias e espaços da cidade, isto é, permite um salto para fora das rotas estabelecidas. A proposta da deriva é desligar-se dessa atitude direcionada e como afirma o autor, “compreende ao mesmo tempo esse deixar-se levar e sua contradição necessária: a dominação das variações psico-geográficas pelo conhecimento e cálculo de suas possibilidades” (DEBORD, 1958, p.1). Essa técnica, à primeira vista, pode parecer um exercício simples ou mesmo superficial, porém, ela é capaz de gerar um riquíssimo acervo de informações para a pesquisa urbana orientada pelo método psico-geográfico, em completude com a análise ecológica³:

A análise ecológica do caráter absoluto ou relativo dos cortes do tecido urbano, do papel dos microclimas, das unidades elementares inteiramente distintas dos bairros administrativos, e sobretudo da ação dominante de centros de atração, deve ser utilizada e completada pelo método psico-geográfico. (DEBORD, 1958, p. 1).

Aqui, visualizamos uma possibilidade de conexão da deriva e da psico-geografia com a etnografia que utilizamos em nossas pesquisas com “trecheiros”. Tal conexão permite adotar uma perspectiva ecológica, a saber, permite percorrer trilhas, percursos e entornos diversos pelos quais circulam os “trecheiros” nos espaços psicossociais e geográficos da cidade. Uma vez que nosso trabalho esteja situado em uma área urbana ou viária, pensar em usar a Deriva para coletar informações sobre a complexidade das ruas torna o trabalho rico em detalhes que nossa atenção e lógica racional jamais conseguiriam captar. A Deriva, nos leva a lugares recônditos, esquecidos, ignorados ou de pouca visibilidade que, talvez, nem mesmo um etnógrafo atento seria capaz de detectar mediante observações participantes que podem ser atraídas por movimentações e acontecimentos que assumem uma posição mais central no cenário urbano.

Debord nos expõe como o sujeito da pesquisa age ao usar a técnica da deriva:

O sujeito é convidado a se dirigir só, a uma hora determinada, em um endereço que se lhe fixa. Ele está liberado das penosas obrigações do encontro ordinário, já que ele não espera nenhuma pessoa. Todavia, este “ponto de encontro possível” o tendo levado de improviso em um lugar que ele pode conhecer ou ignorar, leva-o a observar arredores. Pode-se ao mesmo tempo dar ao mesmo local um outro “ponto de vista possível” a alguém cuja identidade ele não pode prever. Ele pode mesmo jamais a ter visto, o que incita a entrar em conversação com diversos transeuntes. Ele pode não encontrar nenhuma pessoa, ou mesmo encontrar por acaso aquele que fixou o “ponto de encontro possível”. (DEBORD, 1958, p.3).

O mesmo autor ainda exemplifica quais situações sustentam o sentimento da deriva:

Assim, o modo de vida pouco corrente, e mesmo algumas brincadeiras consideradas duvidosas, que sempre estiveram sob benevolência em nosso entorno, como por exemplo se introduzir de noite nos pisos das casas de demolição, percorrer sem parar Paris de carona durante uma greve dos transportes sob pretexto de agravar a confusão fazendo-se conduzir não importa onde, entrar nesses subterrâneos das catacumbas que são proibidos ao público, destacariam um sentimento mais geral que não seria outro senão o sentimento da deriva. (DEBORD, 1958, p. 03).

2

Etimologicamente, a palavra “delírio” surgiu da contração do prefixo “de” (fora) com o radical “liros” (sulcos), designando aquilo que foge de um centro ou escapa a um caminho sulcado na terra.

3

Aqui se trata de ecologia no sentido de “totalidade”.

Apesar de falar desses locais mais perigosos, onde nossa atenção está aberta a tudo, Debord enfatiza que é esse tipo de sentimento que temos que ter em nossas rotas de pesquisa ou mesmo em nossos passos quando estamos usando a técnica da deriva.

Em nenhum momento a deriva se constitui em um trabalho árduo, no sentido de ser desagradável ou degradante. Quando se diz que ela é uma técnica lúdica, ninguém melhor do que Maffesoli (2000, p.77) para dizer, como faz logo no começo do capítulo sobre a arte da deriva, que é preciso “desligar-se para saborear melhor a proximidade das coisas”. Assim também faz o turista impressionado com cada pequeno detalhe da rua em que está passando, sendo possuidor do olhar estrangeiro, conforme dissertado por Peixoto (1988). A deriva está nas atitudes de Hélio Oiticica, relatadas por Paola B. Jacques (2012), ao mostrar que o artista caminhava sem rumo pelas ruas do Rio de Janeiro, em um gesto que chamava de “delirium ambulatorium” enquanto fazia anotações em um bloquinho, o “Index cards”. Ele foi se modificando, se confundindo com as ruas, se integrando a elas e (re) descobrindo labirintos em uma mistura homogênea de arte e vida cotidiana, sem dissociação.

Outro exemplo da deriva na pesquisa, pode ser encontrado detalhadamente na dissertação de mestrado de Duarte-Alves (2007, p.30). Nessa dissertação sobre histórias e memórias de ribeirinhos desalojados de sua antiga vila à beira do rio por causa de construção de uma hidrelétrica, a autora descreve como foi seu trabalho de campo. Deslocava-se pelas ruas da nova vila, construída como compensação pelo alagamento da anterior, sem um roteiro ou rumo previamente definido. Ao longo de sua deriva pelo pequeno vilareja ia abordando pessoas que encontrava pelas ruas e praças ou defronte as casas. Entabulava conversas com as pessoas do lugar sobre suas histórias, sobre a experiência de terem sido desalojados da beira do rio e reassentados naquele novo núcleo urbano. De acordo com suas próprias palavras:

As histórias foram colhidas em espaço público, em grupos com mais de três pessoas. Debaixo de sombras de árvores, sentados em banquetas nas calçadas ou mesmo nas sarjetas, entabulávamos com os participantes conversas sobre suas histórias e sobre a vida atual. Faziam uso da palavra livremente. Um entrava na história do outro, corrigiam-se, complementavam relatos ou acrescentavam detalhes que julgavam importantes nos episódios que estavam sendo narrados. (DUARTE-ALVES, 2007, p. 30).

É oportuno aproveitar o exemplo desse procedimento descrito pela autora para acrescentar outros conceitos intimamente relacionados à deriva proposta e praticada por Debord e os situacionistas. A Internacional Situacionista foi um movimento de intelectuais e artistas preocupados com o urbanismo e a vida urbana, que surgiu na Itália, em 1957 e se prolongou até a década de 1970. Entendiam eles que a transformação das relações sociais e a arte nesse processo dependiam, fundamentalmente, das práticas urbanas entendidas como jogos que se desenrolam no cotidiano, imbuídos de sentimentos, afetos, paixões e de um caráter lúdico que se opõem à racionalidade do urbanismo moderno (JACQUES, 2003). Para tanto, a principal ferramenta seria a criação de “situações” capazes de romper com a lógica unitária e totalizadora da racionalidade que preside a cidade e o urbanismo modernos e produzir “momentos”, “vivências” e subjetivações singulares nos quais os cidadãos se instituem como protagonistas e deixam de ser meros personagens de enredos estabelecidos e cristalizados.

Assim como os situacionistas procuravam criar situações disruptivas na cidade, a deriva na pesquisa cria “situações” no campo. Duarte-Alves (2007) ao percorrer a pequena vila, como uma flaneur, produziu situações incommuns naquele lugar (rodas de conversa nas calçadas, debaixo de árvores e,

sobretudo, reuniões de pessoas para rememorar e elaborar coletivamente suas experiências de desalojamento). Ainda que não de forma deliberada, grande parte das pesquisas de campo junto a comunidades e outros coletivos, quando não são orientadas por procedimentos rígidos pré-estabelecidos e realizadas em espaços estruturados, produzem “situações” semelhantes a dos situacionistas.

Uma atitude assim se coaduna perfeitamente com procedimentos científicos, tais como o do etnólogo em campo ou do pesquisador participante e tantos outros casos dentre a variedade de métodos e procedimentos de pesquisa.

Articulação entre deriva e etnografia

Queremos discutir a justificativa da inserção da técnica da deriva na etnografia, mais especificamente, na etnografia urbana. Para tanto, faremos, a seguir, um pequeno apanhado sobre esse modo de etnografia e indicações de como pretendemos articulá-lo com a técnica da deriva.

Existem diferenças entre fazer uma etnografia da cidade e uma etnografia na cidade. A primeira se refere a tentativas de se compreender as questões culturais da cidade, das suas ruas, espaços, manifestações, singularidades e etc. A segunda está pautada em compreender as dinâmicas dos atores sociais e grupos dentro do ambiente da cidade. Nessas perspectivas, Magnani (2002), pontua duas modalidades de atuação da etnografia. Uma é chamada de “passagem”, que consiste em fazer trajetos pela cidade, observando seus espaços, instituições, monumentos e situações que ocorrem nela; outra pressupõe um posicionamento “de perto e de dentro”, onde acompanhamos o ator social em sua trajetória e suas ligações entre grupos, instituições e demais espaços. O mesmo autor, ainda propõe, em seus trabalhos de análise, uma articulação entre ambos.

Por sua vez, a deriva não é uma técnica que tomamos apenas para a etnografia da cidade, mas podemos usá-la junto ao acompanhamento de participantes da pesquisa cuja característica marcante seja o caminhar sem rumo, como por exemplo, os “trecheiros” (JUSTO et al., 2014) e os andarilhos de estrada (JUSTO; NASCIMENTO, 2005). Caminhando sem rumo junto a eles, conseguimos descrever seus costumes, estratégias de sobrevivência, lógicas, visões de mundo e da vida, linguagem, gírias, valores, simbologias e tantas outras coisas que fazem parte desse modo de viver. Quando realizamos pesquisas de campo com errantes, nos posicionamos na perspectiva “de perto e de dentro” junto à deriva. Lembramos que ela é diferente da denominada “passagem”, por que esta última já impõe trajetos cotidianos. Pois “o fio condutor são as escolhas e o trajeto do próprio pesquisador [...]” (MAGNANI, 2002, p. 18). Fazendo assim, o etnógrafo pode cair na grande narrativa hegemônica da cidade, pois irá fazer justamente os trajetos já conhecidos por ele ou passar por ruas famosas, espaços tradicionais, lugares turísticos ou midiáticos.

Somente esse modo de caminhar em deriva nos faz sair das rotas de pesquisa óbvias, aquelas mesmas estabelecidas pela grande narrativa da cidade e associada às representações da cidade midiática. Derivar nos faz sair da rota tradicional da cidade para nos aventurarmos em singularidades pouco visíveis. Assim, para o estudo da cultura urbana, o etnógrafo não é aquele que deve mostrar o já exposto, aquele que indica o que já está no cartão postal da cidade. Ele mergulha no complexo emaranhado cultural da cidade, se derivando para descrever acontecimentos, dinâmicas, sensações e ocorrências conforme seu caminhar. A deriva, assim, se torna um recurso para que o etnógrafo veja a cidade para além do estereótipo dela. Trata-se de um recurso simples, mas que provoca mudanças no olhar do pesquisador que o fazem descobrir novos desdobramentos da cidade.

Considerações Finais

A proposta do artigo foi fazer uma breve introdução sobre a etnografia e introduzir a questão da técnica da deriva na práxis do etnógrafo, tendo como referência nossas pesquisas com “trecheiros” urbanos. Nelas nos deparamos com o desafio de buscar recursos metodológicos capazes de corresponderem tanto a um contato com um mundo estranho ou diferente do nosso, quanto à mobilidade que marca a vida do “trecheiro”.

O desafio de se lançar a um universo desconhecido, com suas simbologias, idioletos, estratégias de sobrevivência, valores, costumes, práticas de relacionamento, enfim, com uma cultura própria, poderia ser enfrentado com os recursos da etnografia. No entanto, o desafio de acompanhar as movimentações dos “trecheiros” pelos espaços urbanos e interurbanos pelos quais transitam e nos quais vivem, ou seja, o desafio de praticar a etnografia num “não-lugar” exigiu buscar, além dela, outros recursos ou complementos metodológicos. Diante disso, a psicogeografia e a deriva surgiram como recursos complementares capazes de oferecerem os (des)caminhos e ferramentas necessários para acompanhar as movimentações erráticas e imprevisíveis dos “trecheiros”.

Associando a etnografia à deriva é possível apreender, ao mesmo tempo, estabilidades e instabilidades, centralidades e periferias, visibilidades e invisibilidades, totalidades e singularidades, caminhos, rotas e corredores de circulação e seus desvios, atalhos e vias secundárias. Com tal associação é possível realizar uma etnografia do movimento, das movimentações e até mesmo da errância.

Contudo, o que mais interessa ao estar em campo é uma atitude atenciosa e sensível para com as questões culturais dos grupos, comunidades ou locais que se estiver percorrendo. Isso também implica que utilizar a técnica da deriva não dispensa essas qualidades do pesquisador em nenhum momento.

Por último, é importante frisar que a etnografia, como já diria Clifford Geertz (1978), se trata de uma descrição densa, pois o etnógrafo enfrenta uma multiplicidade emaranhada de estruturas complexas. Fazer uma etnografia é um exercício que vai além de estudar teoricamente o método, mas seu aprimoramento está em seu denso trabalho de campo. Portanto, deixamos aqui uma das frases lapidárias de Geertz (1978) que não poderia retratar melhor este ofício:

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (p. 20).

Acrescentando a Deriva à etnografia diríamos que etnografar à deriva é se deixar levar por fluxos que escoam ou escapam dos reservatórios e de canalizações da subjetividade ou produzir deslizamentos dos sulcos cravados nos territórios psicossociais constituídos na vida urbana para poder captar, acompanhar e compreender produções anímicas e processos de subjetivação constituídos em trânsito, em movimentações, em transumâncias, em trajetividades, em errâncias e nomadismos. O modo de viver e as subjetivações dos “trecheiros”, assim como em outros casos, não estão localizados e nem registrados num determinado lugar. Acompanham os próprios “trecheiros” e são carregados por eles em seus trajetos erráticos e imprevisíveis. Por isso mesmo não há outra forma de compreendê-los a não ser rastreando-os com derivas, a saber, abandonando localizações e posições estáticas e se dispor a buscas incertas e a encontros/confrontos não com um outro estranho, po-

rém, assentado em determinado lugar, mas com um outro estranho, móvel, fugidio cujo mundo é igualmente estranho pela sua volatilidade e movimentação constante.

Sobre o artigo

Recebido: 28/07/2016

Aceito: 12/08/2016

Referências bibliográficas

- BERREMAN, G. Por detrás de muitas máscaras. In GUIMARÃES, A. Z. (org.) **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980, p.123-176.
- BEZERRA, A. K. G. A pesquisa etnográfica e as especificidades da observação participante. **Vinheta**, v. 01, p. 01-18, 2010. Disponível em <<http://www.fiponline.com.br/eventos/vinheta/textos/pesquisa%20etnografica.pdf>>. Acessado em 10 de novembro de 2015.
- BOAS, F. **Antropologia cultural**. Zahar, 2004.
- DA MATTA, R. **O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues**. Museu nacional, 1978.
- DEBORD, G. Teoria da deriva. **Internacional situacionista**. Paris: Manifesto da Internacional situacionista, v. 1, 1958.
- DUARTE-ALVES, A. **Histórias de pescadores: memórias de vidas submersas**. 2007. 178 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2007.
- ECKERT, C.; DA ROCHA, A. L. C. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. **Iluminuras**, v. 4, n. 7, 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9160>>. Acesso em 15 de janeiro de 2016>.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- JACQUES, P. B. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- JACQUES, P.B. Breve histórico da Internacional Situacionista. **Arquitextos**, 2003. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/696>>. Acesso em: 02 de maio de 2017.
- JUSTO, J. S. et al. Políticas públicas de mobilidade e assistência a itinerantes: o caso dos trecheiros. **Emancipação**, v. 13, n. 3, p. 105-120, 2014. Disponível em <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5002018>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2016.
- JUSTO, J. S.; NASCIMENTO, E. C. Errância e delírio em andarilhos de estrada. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 2, p. 177-187, 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27468.pdf>>. Acesso em: 16 de janeiro de 2016.
- LITTLE, P. E. Ecologia política como etnografia: um guia teórico e metodológico. **Horizontes antropológicos**, v. 12, n. 25, p. 85-103, 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v12n25/a05v1225.pdf>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2016.
- LIMA, M. G. S. B. et al. Etnografia e Pesquisa Qualitativa: apontamentos sobre um caminho metodológico de investigação. **Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI**, v. 1, 2010, p. 1-13. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_15.pdf>. Acesso em: 11 de novembro de 2015.

MAFFESOLI, M. **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, junho, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-9092002000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de janeiro de 2016.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

PEIXOTO, N. B. O olhar estrangeiro. In: **O Olhar**. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

SATO, L.; SOUZA, M. P. R. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em Psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 29-47, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 de janeiro de 2016.

VEDANA, V. Territórios sonoros e ambiências: etnografia sonora e antropologia urbana. **Iluminuras**, v. 11, n. 25, 2009. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/15537>>. Acesso em 12 de janeiro de 2016.

WARD, K. J. Cyber-ethnography and the emergence of the virtually new community. **Journal of Information technology**, v. 14, n. 1, p. 95-105, 1999. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/026839699344773>>. Acesso em 17 de janeiro de 2016.